

ALFABETIZAÇÃO ASSISTIDA *ONLINE* NA ABORDAGEM DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

“É inadequado fazermos comparações entre as crianças. A criança deve ser comparada com ela mesma. Com quem ela foi ontem.” Adaptado de Pedro Calabrez.

O ano 2020 foi particularmente desafiador para o mundo. Fomos todos compelidos inesperadamente ao isolamento social em virtude da pandemia do Coronavírus, decretada pela Organização Mundial da Saúde, em marco deste mesmo ano. A pandemia acelerou drasticamente a necessidade do protagonismo e reorganização na esfera das ações do Estado para socorrer imediatamente a área da saúde pública. Outras áreas também foram chamadas a participar de ações de enfrentamento no combate do alastramento da pandemia no Brasil, em especial a área econômica e social.

No campo da educação, o fechamento das escolas (públicas e privadas) foi imediato, impondo a gestores, coordenadores e todos os profissionais da educação e níveis de ensino, uma reformulação completa dos processos pedagógicos, da didática de ensino, das práticas educativas. Transferidos do ambiente escolar e acadêmico para o ambiente virtual e das plataformas de ensino, profissionais da área foram lançados abruptamente nesta nova forma de (re)pensar a escola, o processo ensino e aprendizagem, o relacionamento remoto com alunos e alunas e a avaliação. Embora escolas e colégios de alto poder aquisitivo já convivam com a *disrupção*¹ tecnológica nos processos educacionais, essa não é a realidade de grande parte da população brasileira.

É importante que se diga que dado o ineditismo da situação, ainda não havia e talvez ainda não haja, pesquisas no campo da educação que pudessem oferecer instrumental de apoio aos profissionais que contemple esse novo modelo de ensinar. Fomos mesmo alçados numa experiência educativa inesperada. Escolas com maior estrutura financeira e pedagógica adaptaram-se mais rapidamente a esse novo modelo. Todavia, creches-escolas pequenas particulares de bairro e escolas públicas, viram-se obrigadas a fechar e interromper completamente suas atividades por longo período.

Foi neste contexto que se construiu como objeto desta pesquisa, a proposta de alfabetização online para crianças em idade do ciclo de alfabetização, em decorrência da

¹ Termo usado para definir a mudança nos modelos e processos de aprendizagem com as inovações tecnológicas, conectividade e gamificação (jogos educativos e interativos) no campo da educação (ver BNCC, 2019).

paralisação total das creches e escolas a partir de março de 2020. Havia uma grande demanda de pais e mães buscando para os(as) filhos(as) em idade no ciclo inicial da alfabetização, alternativas pedagógicas para mitigar os efeitos do afastamento temporário das crianças das escolas e do processo formal de escolarização. Nas redes sociais, muitos procuravam por apoio pedagógico, enquanto filhos e filhas estivessem fora das creches e escolas. Algumas famílias diziam decidir cancelar as matrículas de seus filhos(as) nas escolas neste período. Supomos que o afastamento das atividades de trabalho que garantiam renda plena das famílias, pudesse ser um fator decisivo na tomada dessa decisão. Assim como a necessidade de acompanhar as atividades neste novo formato exclusivamente virtual que requer um monitoramento constante dos responsáveis. Muitos pais e responsáveis demonstravam querer continuar oferecendo um atendimento mais especializado com atividades direcionadas ao desenvolvimento deles. Desta maneira que foi elaborada essa proposta pedagógica.

Neste cenário desenhou-se como estratégia pedagógica durante o período crítico de isolamento social, a proposta nomeada de **ALFABETIZAÇÃO ASSISTIDA Online**. A ideia era oferecer aos responsáveis possibilidades de atividades para serem trabalhadas com a criança em casa. Não por acaso, optamos pela **Abordagem da consciência fonológica da alfabetização** (MORAIS, 2020), por nos parecer a mais adequada naquela situação, tendo em vista que estávamos todos distantes, remotamente conectados, desconhecíamos a criança do outro lado da tela, e não havia um vínculo de confiança e afetividade pessoal. Aspectos éticos foram priorizados neste modelo de relacionamento (ARAÚJO, 2004).

De todas analisadas, esta matriz teórica e metodológica foi a mais apropriada para ser adaptada ao processo de iniciação à alfabetização remota, por permitir lançar mão de estratégias mais simplificadas do método, de uso de letras e palavras como estímulo “sensório-percepção da articulação dos sons” até chegar onde pretendíamos (MAIA, 2017, p.39).

METODOLOGIA

Considerando o novo ambiente de aprendizagem a todos nós arbitrado em razão da pandemia e do distanciamento imprescindível para preservação das vidas humanas, o imponderável apresentou-se aos profissionais da educação, não como alternativa, mas

como a única via possível naquele momento. Neste aspecto, cabe destacar que gestores, coordenadores e professores passaram a elaborar e construir muitas vezes seus próprios procedimentos de trabalho, em que pese muitos tiveram o aparato de apoio das instituições nas quais estavam vinculados.

Não foi o caso de muitos profissionais da área. Como MEI (microempreendedora individual) desde 2018, que atua prestando assessoria pedagógica, foi necessário criar meus próprios processos de trabalho para realizar a proposta e essa investigação, sempre seguindo as orientações dos pressupostos teóricos e metodológicos para trabalhar com projetos pedagógicos (GANDIN, 2000), como também com pesquisas qualitativas (OLIVEIRA, 2018). Todavia, como apontam, Bianchetti; Machado (2002, p.51) “toda pesquisa precisa tomar uma forma material visível, para que possa circular, ser lida, aprimorada, contrariada ou utilizada.” É importante ressaltar que não atuo como professora de sala de aula. A proposta de minha assessoria é prestar serviços que visem a gestão da aprendizagem através da elaboração de projetos pedagógicos específicos a diversos ambientes de aprendizagem, sejam no campo das organizações escolares, sejam às famílias e organizações não escolares (RIBEIRO, 2003). Ambos podem e devem se complementar. “Por isso mesmo, importa formalizar uma distinção entre trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas) e trabalho docente (formação peculiar que o trabalho pedagógico assume na sala de aula)” (LIBÂNEO, 2010, p.39).

Sobre a pesquisa qualitativa, Oliveira (2018) nos diz que, quando se opta pelo caminho descritivo do objeto a ser pesquisado, essa opção requer de pesquisadores certo grau de ousadia e criatividade frente às situações inusitadas que se apresentam. Observou-se essa orientação em todo o trajeto da prática adotada e do objeto pesquisado.

A presente pesquisa qualitativa descritiva foi resultado de uma proposta de trabalho para alfabetização assistida *online*, orientada aos pais, mães ou responsáveis por crianças em idade de pré-alfabetização. O objetivo era auxiliar os responsáveis na administração e aplicação de atividades direcionadas para as crianças, ao “universo alfabético” mais sistematizado. Ou seja, mais próximo da realidade escolar.

O trabalho proposto realizou-se exclusivamente no ambiente virtual com a mãe da criança através da plataforma Google Meet para reuniões virtuais, três vezes por semana e duração de 1 h cada encontro. O período compreendido foi entre os meses junho e julho de 2020. A mãe chegou a minha assessoria através das redes sociais. A criança, um menino de 4 anos completos, estava matriculado no ano 2019 numa creche escola do

município do Rio de Janeiro em uma turma do PRÉ I no turno da tarde. Pela manhã, ficava com uma ajudante. No ano da pandemia, por possuir uma estrutura pequena e não ter capilaridade de atendimento no modelo online, a creche fechou as portas².

Este foi o quadro apresentado pela mãe que a levou prescindir em buscar alternativas profissionais para ajudar o filho. Após acertados os detalhes, adotou-se para efeitos de anamnese pedagógica³, um questionário sobre as condições de desenvolvimento da criança, considerando que não havia muita possibilidade de fazer uma análise pedagógica mais consistente em virtude da falta de contato pessoal. O menino, ao que tudo indicava, ainda não se encontrava na fase pré-silábica da alfabetização. Quando ainda frequentava a creche em 2019, a instituição realizava muitas atividades físicas para o estímulo psicomotor; também estimulava desenhos, pinturas, colorir; atividades de colagem, brincadeiras diversas. No que se refere ao trabalho com o alfabeto estruturado, ele escrevia o seu nome, não que reconhecesse as letras, mas apenas copiando-as para identificar a si mesmo (LEGEY; RIZZO, 1988).

O questionário utilizado consistia em perguntas objetivas e outras de caráter subjetivo sobre a criança (OLIVEIRA, 2018). Na parte objetiva, constavam informações como: idade dos pais, local onde residiam e se ambos trabalhavam fora, local onde o filho estudou; escolaridade dos pais e se tinha irmãos maiores ou menores. Era filho único. Por último, quem dava suporte à criança em casa. Ambos, trabalhavam fora. A mãe que trabalhava no comércio, com a pandemia, precisou afastar-se temporariamente para cuidar do filho, mas pretendia retornar. O pai continuava trabalhando e também no comércio. Os dois completaram o Ensino Médio em colégios estaduais diferentes.

A parte subjetiva, um pouco mais extensa, consistia em entender a rotina diária do menino. Se fazia atividades extras antes do isolamento, brincadeiras preferidas, esporte, se gostava de ouvir historinhas, qual o contato que tinha com livros e músicas. Todas as informações visavam entender qual era a situação do menino naquele momento específico. Verificou-se se tinha diagnóstico de algum transtorno físico ou cognitivo prescrito por profissional habilitado, seja da área da educação ou de saúde. Segundo a

² <https://www.metropoles.com/brasil/crise-e-pandemia-fecharam-150-escolas-particulares-no-rio-de-janeiro> Adriana Cruz. Aline Freire, 20/02/2021, 10:37.

³ Instrumento de pesquisa utilizado em diversas áreas para identificar o histórico psicossocial, emocional e cognitivo de quem estará sendo tratado, ensinado ou avaliado (TEIXEIRA, 2018).

mãe, ele era um menino saudável, esperto, falante e alegre e não apresentava dificuldades de relacionamento nem do desenvolvimento motor e cognitivo.

É muito importante destacar que se estabeleceu apenas dois contatos com o menino, tendo em vista que a proposta era dar apoio aos responsáveis. O ambiente virtual com todas as suas peculiaridades, reserva grandes benefícios, mas também grandes responsabilidades, precisando ser muito cuidadosamente explorado por quem nele está atuando, sobretudo quando se propõe a trabalhar ensinando crianças tão pequenas e vulneráveis. Voltamos assim ao aspecto ético do trabalho pedagógico (ARAÚJO, 2004). A proposta pedagógica estava sob testagem de sua eficácia. Para efeitos de correção posteriores, adotou-se esse procedimento. Seguiu-se também a orientação de Oliveira (2018) que recomenda a preservação da identidade dos(as) pesquisados(as).

Passada a fase de compreensão das condições do menino, solicitou-se à mãe que reservasse sempre um horário parecido com o que ele frequentava a creche e um local que chamamos de “Escolinha em casa” para que fizesse suas atividades. Uma mesinha com cadeira de tamanho adequados se possível, contendo alguns materiais que costumava utilizar na creche. Estojo com lápis de cera tipo Jumbo, papéis, materiais recicláveis disponíveis, livrinhos. Tudo para simular um ambiente de aprendizagem que se aproximasse daquele da creche. O propósito era ajudá-lo a identificar que dali em diante, ele teria horário e atividades parecidas com as que tinha na creche, com exceção dos professores, amiguinhos e estrutura física. Decidiu-se em conjunto realizar 1 h de atividades diárias, das 13:00h às 14:00 h. Após esse horário, as atividades eram interrompidas e ele retornava à sua rotina de brincadeiras e assistir TV. Houve grande preocupação com o respeito ao ritmo da criança e disponibilidade da mãe.

Um dos objetivos da proposta era engajá-lo nesta nova realidade imposta pelo isolamento. Mesmo sob muitas críticas, a escola ainda é o espaço que tem a prerrogativa de sistematização da escolarização formal e verificação da aprendizagem. Era o que a proposta pretendia. Mesmo no ambiente doméstico, criar uma situação favorável de aprendizagem passível de verificação do que ele produzia. Esse era o trabalho específico da assessoria profissional.

A aprendizagem é tipicamente estudada em situações mais controladas. A aprendizagem sob circunstâncias particulares e conhecidas pode ser estudada sem muitos dos fatores desconcertantes que se verificam em

situações da vida real. Quando são selecionados sujeitos humanos em investigações de aprendizagem, eles são selecionados em alguma base. (SAWREY; TELFORD, 1971, p.134).

Por último, solicitou-se desenhos livres e que o menino escrevesse o seu nome ou o que conseguisse. Diferente da fase em que ele estava na creche, naquele momento, era necessário entender, sob a situação de isolamento social, o que ele se recordava do que fazia na creche e o que produziria dentro do ambiente doméstico e sem a ação da professora. O conjunto de informações obtido através dos questionários, desenhos e a escrita do nome foram os pontos de partida para as atividades propostas que se seguiram. A abordagem da consciência fonológica da alfabetização foi o referencial teórico e metodológico adotado para a elaboração das tarefas. Com os elementos que tínhamos em mãos sobre o perfil da criança, observou-se que ele parecia se encontrar na fase de transição de desenvolvimento das representações pré-operatórias cognitivas, onde a função simbólica manifestada na linguagem, na imaginação, na tentativa de organizar e expor o pensamento em suas tarefas, já se demonstrava na etapa operatório-concreto em suas manualidades (PIAGET, 1983).

Durante todo o trabalho, observou-se simultaneamente as orientações da BNCC (2019) para a Educação Infantil na elaboração das atividades. Partindo do ponto do que a creche priorizava em suas atividades, selecionamos e introduzimos algumas atividades como dos campos de habilidades propostas: o reconhecimento do **“O eu, o outro e o nós”**, **“Traços, sons, cores e formas”**, **“Oralidade e escrita”**. Deixamos de fora as atividades propostas pela BNCC **“Corpos, gestos, movimentos e espaços”**, como também **“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”**, por entendermos que essas atividades exigiam a atuação de outros profissionais com conhecimentos técnicos específicos, a exemplo do profissional de Educação física, formação em arte ou música.

Nesta linha, adotou-se atividades que introduziam as diversas sonoridades. Estímulos auditivos e sonoros de barulhos dos objetos, canções infantis com rimas, aliterações, sons da natureza, dos animais, onomatopeias, na oralidade ativa manifestada a partir dos interesses do menino⁴. Usou-se procedimentos mais sistematizados para

⁴ Adotou-se como materiais de apoio pedagógico, o livro O A – Bê - Cê da dica nanica (ver, ALVAREZ, 2003) e os Kits 2 em 1 - Dislexia + Consciência Fonológica [Material Pedagógico Estruturado]. (ver, BISTENE, 2020).

iniciar o reconhecimento dos sons das letras isoladas, e o alfabeto. A partir daquilo que trazia de seus interesses e brincadeiras, iniciou-se com a mãe, um trabalho de demonstração dos sons das letras e a devida articulação motora do aparelho fonotório. Este constituído de “ressoadores, laringe, pregas nasais, traqueia, pulmões e diafragmas” (STAMPA, 2018, p.32). Todo este aparato instrumental e anatômico propicia a produção de sons dos mais diversos, conforme descrito no triângulo vocálico consonantal⁵. Do grave ao agudo; do difuso ao compacto; dos nasais aos orais com diferentes vibrações, entonações, intensidades e alturas.

Nas tarefas propostas seguintes, sugeriu-se, para efeitos de exercício da percepção dos sons das letras, que o menino fizesse junto com a mãe, movimentos repetitivos articulatórios diante do espelho para identificar pouco a pouco, onde os sons das letras do alfabeto tinham origem a partir do seu aparelho fonotório⁶. Partindo sempre dos movimentos articulatórios corretos e conscientes, tal como defende o método da consciência fonológica. Através destes exercícios propostos foi possível identificar as diferenças articulatórias sutis para produzir os sons das letras. Reconheceu-se que o som das vogais por exemplo, são produzidas a partir dos pulmões, passam pela traqueia até chegar na laringe, e são modificados nas pregas vocais, enquanto as consoantes, pelos movimentos coordenados dos lábios, dentes e palato (STAMPA, 2018).

Passada essa etapa de treino articulatório, propusemos atividades a partir da apresentação explícita de figuras de vários objetos e animais com seus respectivos nomes substantivos. As figuras e seus nomes ficavam dispostos lado a lado. As figuras ficavam dispostas na ordem alfabética. Seus nomes substantivos, dispostos aleatoriamente. Primeiramente, propôs-se buscar as imagens tentando identificar seus nomes e as letras que iniciavam com seus respectivos sons. Ex.: com a figura da abelha em mãos, procurava palavras onde a formação sonora parecia se assemelhar com a figura. Das vinte figuras apresentadas ao longo dos exercícios, errou três vezes apenas, o que significa dizer que alcançou 85% de aproveitamento na atividade proposta. Em pouco tempo repetindo as atividades, já associava o som de algumas letras a outras figuras expostas, mesmo fora da ordem alfabética, tentando compor e recompor os sons, formando novas palavras que não estavam no acervo de figuras apresentado.

⁵ Representação gráfica em forma de triângulo proposta por Jakobson e Halle em 1980, adaptado por Garcia e Arenas em 2005 para demonstrar os contrastes vocálicos (ver STAMPA, 2018, p.66).

⁶ Esses exercícios estão disponíveis via curso online na Oficina da Inteligência, ministrado pela psicopedagogia Carla Silva (ver SILVA, 2020).

É indispensável ressaltar que identificar os sons das letras e dos fonemas na abordagem da consciência fonológica e de sua representação sonora é completamente diferente de trabalhar as letras e fonemas na representação escrita. Como nos diz Silva (2020) “B com A não faz BA, B com A faz BEA”. Isso é um divisor metodológico importante se considerarmos que as consoantes conjugadas com as vogais, produzem sons distintos daqueles da sua representação escrita.

REFERENCIAL TEÓRICO

Muitos são os debates sobre os melhores métodos de alfabetização que são adotados no Brasil. Em especial, após o processo de redemocratização política no país e a partir da promulgação da Constituição de 1988, garantindo o direito à educação pública gratuita e o acesso e permanência de crianças em idade escolar - 7 a 14 anos - no sistema regular de ensino (BRASIL, 1988, LIBÂNEO, 1985). Esse aumento expressivo pelo direito de acesso e permanência das crianças e adolescentes nas escolas, sobretudo das classes mais pobres, gerou como pressão sobre o sistema escolar, a necessidade de revisão das políticas e métodos mais adequados para se alcançar o objetivo de alfabetizar com sucesso, nossas crianças, agora em grande número matriculadas nas redes oficiais de ensino.

Considerando que as escolas constroem seus próprios projetos políticos pedagógicos que orientam suas práticas educativas no que tange aos modelos de gestão e aos métodos de alfabetização que melhor atendam ao seu público, elas também orientam suas linhas teóricas e metodológicas, a partir das experiências bem sucedidas em outras partes do mundo (LUCK et al, 2000).

Embora não seja o foco deste trabalho analisar os métodos de alfabetização é preciso pontuá-los para justificar nossa escolha pelo método da consciência fonológica, adotado como proposta pedagógica de alfabetização e objeto desta pesquisa.

Desde os anos 80 os métodos que têm sido mais adotados por profissionais da educação na alfabetização infantil são o sintético, o analítico e o misto. Dentre eles, outros métodos começaram a ser estudados e aplicados, seja por influência de conceitos e modelos mais instrumentais do ponto de vista pedagógico, seja pela influência de pensamentos que preconizam que a alfabetização é um processo político. Em que pese essas diferenças que marcam as matrizes sintético e analítico, das partes para o todo, ou

inversamente, do todo para as partes, mas que em comum, buscam decodificar a escrita, os métodos que se seguiram como estratégias de alfabetização, a exemplo do letramento, o alfabético, o silábico, a palavração, a sentencição, o global e o fônico, resultam em parte, dos fundamentos dessas matrizes de orientação (FERRERO, 2001, SOARES, 1999; VALECUP, 2018, VIGOTSKY, 1989). O construtivismo, equivocadamente apropriado como método, é o fundamento teórico proposto por Piaget para explicar o desenvolvimento cognitivo na infância⁷ (PIAGET, 1983).

As correntes majoritárias na educação, em especial na esfera pública, defendem a adoção dos métodos de alfabetização mais direcionados aos aspectos socioculturais e políticos de formação do indivíduo, tal como aponta Soares (1999, p.76) “as relações entre linguagem e classe social são particularmente importantes para o ensino da língua materna, sobretudo nas escolas que servem às camadas populares.” Outras correntes no campo dos estudos mais recentes da neurociência defendem a tese de que é necessário debruçar-se mais nos aspectos neurológicos da aprendizagem, da formação da linguagem, da cognição, das funções executivas (AQUINO, 2007; MORAIS, 2020; VIANA, 2017). É inesgotável o debate sobre o tema.

Estudos mais recentes sobre a consciência fonológica no processo de alfabetização de crianças, apontam bons avanços na aplicação deste método (AQUINO, 2007, ARAGÃO, 2014; MORAIS, 2020, STAMPA, 2018). Isto porque a oralidade é a manifestação das funções operatórias da fala que se apresentam muito cedo, logo na fase inicial da primeira infância (0 a 2 anos), especialmente para crianças expostas a um acervo cultural e de vocabulário diversificado. Nas etapas de aquisição da linguagem oral Viana (2017, p.64) observa que “a linguagem é uma atividade cognitiva e comunicativa que se manifesta no comportamento da criança desde o primeiro ano de vida.” Sendo assim, o bebê cresce exposto irremediavelmente ao universo composto por diversos sons e imagens, apropriando-se pouco a pouco dos símbolos da linguagem.

O método da consciência fonológica pareceu-nos o mais adequado para o que nos propomos, em se tratando do fato de estarmos atuando em ambiente exclusivamente remoto, o que implicava algumas limitações ao nosso trabalho.

⁷ Piaget estudou sobre a gênese do conhecimento, a epistemologia genética. Sua contribuição no campo da educação foi decisiva no tocante à estruturação das etapas do desenvolvimento infantil, tanto no aspecto motor quanto cognitivo. Não há em sua obra a formulação de métodos de alfabetização, embora seja comum encontrarmos referência ao construtivismo como um método baseado na teoria de Piaget.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de entrarmos nos resultados obtidos, destacamos que esse foi um projeto experimental e piloto realizado com um sujeito apenas. Não por acaso, e tendo em vista os desafios do modelo remoto de ensino, esse foi um objetivo desenhado na fase preliminar de elaboração do projeto pedagógico, antes mesmo de ser implementado e oferecido como um serviço de assessoria. Não é redundante enfatizar que não se tinha no campo acadêmico da educação, o amparo de pesquisas e experiências que pudessem embasar essas novas práticas educativas.

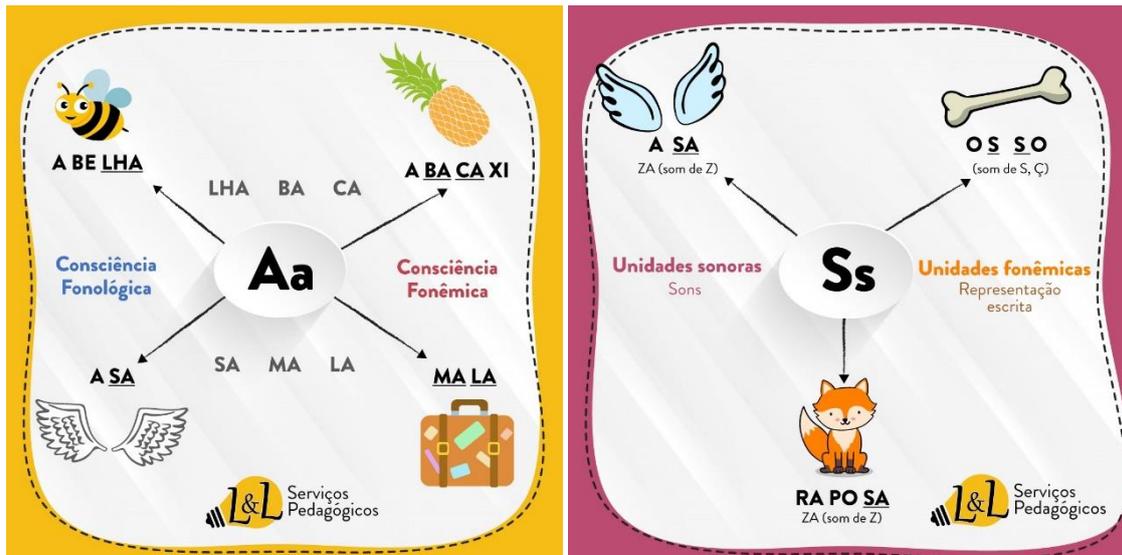
Com relação aos resultados, dentro do período estabelecido que foi realizado o trabalho, foi possível avaliar, mesmo transversalmente através da mãe, que a criança foi além do objetivo proposto inicialmente; ele alcançou a fase pré-silábica do processo da alfabetização. É importante que se diga que na abordagem da consciência fonológica da alfabetização a introdução à leitura antecede ao da escrita. Isto porque a criança na fase inicial de seu desenvolvimento, se apropria primeiramente da linguagem oral. Por exigir um conjunto de ações mais complexas do ponto de vista das funções executivas motoras e cognitivas, a escrita é um processo de aprendizagem que ocorre em decorrência da leitura, posteriormente a ela, ou, simultaneamente (SILVA, 2020).

Diferentemente dos métodos sintéticos e analíticos que trabalham aspectos da memorização das letras, do alfabeto e dos fonemas, a consciência fonológica faz a criança refletir sobre sua própria fala, sobre os sons das palavras para depois entender como elas se escrevem. A criança primeiro brinca e domina os sons para depois aprendê-los na forma de sua representação escrita (SILVA, 2020). A título de esclarecimento, selecionamos algumas palavras que o menino identificava a partir das atividades propostas com os sons das letras, vogais e consoantes, comparando-as umas com outras.⁸

Quadro 1

Quadro 2

⁸ Palavras que identificava com o treinamento auditivo oral que propusemos durante 30 dias aproximadamente.



Observa-se no Quadro 1 que ele identificava diversas construções fonêmicas onde o A estava inserido, independentemente de sua posição na palavra, fosse no início, no meio ou no final; das di às polissílabas. No Quadro 2, dois meses depois, já no final da assessoria, ao identificar o S, comparava sua similaridade com os fonemas /Ç/ /S//S/ /Z/. Não que os soubesse manipular e os conhecesse exatamente em outras palavras, mas por algum motivo, esses fonemas particularmente chamavam sua atenção e, por ocasião desse interesse, alcançou a percepção sonora de que nas palavras do Quadro 2, o S fazia sons diferentes. Supomos que estava elaborando outras variedades de hipóteses pré-silábicas (AQUINO, 2007).

Concluímos a partir desta síntese que se atingiu um grau satisfatório em direção à maturação cognitiva em pouco tempo, sendo capaz de comparar sons de palavras com estruturas fonêmicas e gráficas relativamente complexas para uma criança de quatro anos. Verificou-se também que com ações intencionais, sistematizadas e “pretensiosas”, ele estava sendo conduzido pouco a pouco, ao universo fascinante do início do processo da leitura. Afinal, aprender na infância, segundo a ótica da neurociência, implica atrair a criança para uma armadilha sináptico-bioquímica, de modo que sua ATENÇÃO e CONCENTRAÇÃO sejam despertadas (VIANA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trabalho, constatou-se que os objetivos pedagógicos definidos previamente foram alcançados. No entanto, fez-se necessários fazer uma revisão dos

procedimentos adotados visando a melhoria dos processos. O fato de estarmos estudando um caso específico sob a abordagem da consciência fonológica da alfabetização, não diminuiu a relevância do trabalho. Cumpriu o propósito da pesquisa qualitativa. Porém, suscitou alguns questionamentos importantes.

Ante de mais nada, confirmamos a hipótese de que no modelo exclusivamente remoto, o método da consciência fonológica foi o mais adequado, considerando que estávamos assessorando a mãe para iniciação do filho na alfabetização. Durante a entrevista, a mãe admitiu não ter o hábito de estimular o filho. Normalmente, deixava-o brincar livremente. Não contava historinhas, nem tinha o hábito de ler livrinhos infantis, nem tampouco frequentava teatrinhos ou outras atividades culturais direcionadas para crianças. Como ela mesma explicou “eu não tenho jeito para ser mãe professora”. Trabalhava no comércio, inclusive aos fins de semana, usando o tempo disponível para fazer as atividades domésticas, compras e passeios familiares. Ao ver-se nessa condição de isolamento e sem trabalhar, percebeu a necessidade de ocupar o filho com atividades educativas, de maneira que não ficasse a maior parte do tempo na TV e no tablet. O que ocorreu é que passado o tempo, ela demonstrava cansaço. Não sentia mais a mesma motivação do início. Sua habilidade era trabalhar com vendas e sentia falta da rotina. Concordávamos com o fato de não ser apropriado deixar o filho diante da tela do computador aprendendo com uma pessoa estranha, que não fosse a professora ou alguém de sua plena confiança, mesmo monitorado. Ao mesmo tempo, não se sabe o quanto e, se avançaria ainda mais em direção à escrita, por exemplo, caso não tivesse intermediação da mãe. Certamente seria objeto de uma nova pesquisa. Outro aspecto foi a resitência da mãe em adotar um método que não conhecia. Antes de me contratar, adotava as estratégias “intuitivas” para ensinar o filho. Sentiu-se desafiada a conhecer essa nova proposta. Em suas palavras, ela estava sendo “alfabetizada novamente”. Essa resitência gerou certo desgaste inicialmente. Ao final, aprovou o método e os resultados.

Em virtude de todos esses pontos, reformulou-se essa modalidade de assessoria até que estruturássemos novamente a proposta. Como no segundo semestre de 2020 algumas creches e escolas já haviam flexibilizado a abertura para alunos e alunas, retornando no modelo presencial ou híbrido, a demanda por essa modalidade de assessoria não ocorreu mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, RE. V. O A – Bê – Cê. Da dica nanica. Rio de Janeiro: Agir Editora. 2003.
- AQUINO, S. B. O trabalho com consciência fonológica na Educação Infantil e processo de apropriação da escrita pelas crianças. Dissertação de (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em educação, UFPE, Recife, 2007.
- ARAGÃO, S.S.A. Habilidades da consciência fonológica fonêmica reveladas por crianças inseridas em turmas onde o método fônico era aplicado. Dissertação de (Mestrado em educação – Programa de Pós-Graduação, UFPE, Recife, 2014.
- ARAÚJO, L. P. de. A abordagem da ética sob a ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais: o caso de uma escola particular. In: II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO. Memória(s), História(s) e Educação: Fios e Desafios na Formação de Professores, 4 e 5 de agosto de 2004, São Gonçalo/Rio de Janeiro. *Anais*, São Gonçalo/Rio de Janeiro, FFP/UERJ, 2004, p.131.
- BIANCHETT, L.; MACHADO, A. M. N (orgs.). A bússola do escrever. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.
- BISTENE, M. <https://purchase.hotmart.com/purchase/detail/62907126>. Kits 2 em 1 - Dislexia + Consciência Fonológica [Material Pedagógico Estruturado]. Juntos pela inclusão. Acesso, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Competências Gerais da Educação Básica. Área de linguagens e tecnologias. Brasília: MEC, Acesso: 2019, p.473-482.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. A Educação Infantil no contexto da Educação Básica. Brasília: MEC, Acesso: 2019, p.30-48.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 1988. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva. 2ª. Ed., São Paulo: Saraiva, 2001.
- GANDIN, D. G. Planejamento como prática pedagógica. São Paulo: Editora Loyola, 11ª. edição: junho de 2000.
- LEGEY, E.; RIZZO, G. Fundamentos e metodologia da alfabetização do método natural. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 5ª. ed., 1988.
- LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogias, para quê? 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIBÂNEO, J.C. Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, Loyola, 1985.
- LUCK, H. et al. A escola participativa. O trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MAIA, H. (Org.) Neurociências e desenvolvimento cognitivo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. 132p.

MORAIS, A.G. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização, 1ª. ed. 2ª. reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2020.

OLIVEIRA, M. M. de. Como fazer pesquisa qualitativa. 7ª, ed. Revisada e atualizada. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016, 1ª. reimp. 2018.

PIAGET, J. Os pensadores. A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RIBEIRO, A. E. do A. Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

SAWREY, J. M.; TELFORD, C. W. Psicologia do ajustamento. São Paulo: Editora Cultrix,, 1971.

SILVA, C. Curso online neuroplanejamento de aulas. <https://www.oficinadainteligencia.com.br>: ABED (Associação Nacional de Educação à Distância), 2020.

STAMP, M. Aquisição da leitura e da escrita. Uma abordagem teórica e prática a a partir da consciência fonológica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

TEIXEIRA, E. As três metodologias. Academia, da ciência e da pesquisa. 11ª. ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. 2ª. Reimp. 2018.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Editora Martins, 1989.

<https://cursos.valecup.com.br/cursos>. Curso de Capacitação e Aperfeiçoamento em Métodos de Alfabetização. E-book, 2020, p.5-113.